

# Iconografia do preto em branco: Análise da representação do corpo negro na obra de Pierre Verger

**Palavras-Chave:** Iconografia, Pierre Verger, corporeidade negra, fotografia

**Autores(as):**

**HENRIQUE FRANCISCO BAULE GEBARA CANDIDO, IA- UNICAMP**

**Prof. Dr. Paulo Mugayar Kühl, (orientador) IA- UNICAMP**

---

## INTRODUÇÃO:

O fotógrafo Pierre Fatumbi Verger nasceu em 1902 na França. O artista viajou muito, passando literalmente pelos sete continentes, alguns mais de uma vez, e tem seu primeiro contato com o Brasil ao ler a obra *Jubiabá* de Jorge Amado, onde se muda em 1946 e aqui permanece até o fim de sua vida em 1996, se inserido fortemente nos movimentos de renovação das artes plásticas na Bahia e na formação do circuito artístico soteropolitano. Suas fotografias se alimentam do Brasil, se surpreendendo mutuamente, se misturando.

Suas imagens dos negros nordestinos, são provavelmente um de seus objetos mais recorrentes e mais conhecidas. Difundido com o passar do tempo constituem nossos livros, revistas, estão no repertório, mesmo que às vezes inconsciente da maioria dos Brasileiros.

O jogo com palavras no título “Iconografia do preto em branco”, remete de forma mais óbvia, a ausência de cor nas obras de Verger, visto que suas fotografias eram analógicas e em filme preto e branco. O título também evidencia a forma pela qual a imagem de pessoas racializadas, na historiografia visual brasileira, ocorre através do olhar de pessoas brancas. Percebendo o ato de olhar não como ato passivo, mas que ao ser capturado através da fotografia, como ação ativa, que carrega consigo todo um repertório pessoal, intrínseco a produção artística.

É daí então que surge o interesse específico em Verger. Ele se encaixa nessa tradição, de artistas e pensadores estrangeiros, franceses, viajantes, que vem ao Brasil buscando o outro, externo, diferente. Carregando um olhar que exotiza, admira, fantasia, necessita catalogar. Mas ao mesmo tempo é importante refletir como ele é que diferente dos outros artistas franceses, os trabalhos de fatumbi (seu nome na tradição iorubá) representada pelos planos abertos das imagens e pela amplitude, sempre parecendo que o artista está em local seguro e longe de tudo aquilo, onde parado em frente de seu cavalete não será perturbado por nada daquilo que representa. Ele se põe no meio da ação, dentro da zona de conflito. Por consequência a própria imagem exala o calor da atmosfera. As pessoas (até as secundárias como os passantes) se relacionam com o artista. Dá pra imaginar o fotógrafo desviando das pessoas, pedindo desculpas, atrapalhando o passeio. Ele não está longe do que captura, seu corpo

faz parte da obra, mesmo sem aparecer, por ocupar um ponto claro ao espectador dentro da imagem. Como Diógenes Moura diz “*é uma fotografia para o canto do olho*”.

Perceber esse olhar do estrangeiro, pautado em conceitos etnocêntricos, como separado por uma lente, uma parede física quase palpável que dificulta o encontro. Verger oferece uma perspectiva mais de dentro, mesmo que às vezes idealizada, de quem se aprofunda em um modo de vida, em uma língua, em outra religião. Não observa a cultura soteropolitana, mergulha nela. Seu Brasil sorri, namora, seu negro é lindo, seu físico e força são exepares e ele trabalha, mas não só. Ele faz a gira, luta capoeira, as crianças brincam, são reais, estão ao toque. Ele se interessa em representar algo que vai além do corpo.



Figura 1. *Porteurs, Salvador, Brasil, 1946-1948*, fonte:

<https://www.pierreverger.org/br/acervo-foto/portfolios/retratos-da-bahia.html>

No entanto, é importante não romantizar. O que impulsiona as fotografias de Verger não é mera adoração. Como todo o artista que se debruça sobre um objeto além de si mesmo existe interesse. Algo interior e pessoal que na conjuntura, por falta de melhor termo, pode ser descrito como egoísta. Mas existe em sua obra menos o estímulo de tirar ou acrescentar algo, e muito mais a vontade de fazer parte. De estar dentro. Não que sua relação pessoal com Candomblé lhe dê uma espécie de autorização. Porque tal autorização nunca existiu. No espaço da cultura não existe pessoa que possa fornecer tal documento. É, portanto, como antropólogo que o artista estrangeiro invade sem dúvida o espaço que representa. Isso é claro para além de qualquer afeição poética e pessoal, Verger é um invasor. Como todo o estrangeiro, fica claro em sua fotografia, esse lugar de intruso em nosso cotidiano, que ele, viajante a procura de algo, escolheu abraçar.

Também é necessário sublinhar, que os estudos sobre iconografia e representatividade de corpos negros (sendo esses já escassos), estudam majoritariamente o tema através da figura do escravo. O preto em Verger, mesmo evidente suas várias mazelas sociais, não se encontra mais em situação de escravizado, como o de Freitas Junior. Mesmo tendo seus possíveis pontos de contato,

existe aí uma mudança de paradigma que merece estudo, percebendo sua conexão com formas mais atuais de representação do corpo negro.

E é nessa dinâmica tão singular que abriga a complexidade no seu trabalho. Falar sobre a representação e o tratamento do corpo negro na sua obra é dialogar com essas dinâmicas de poder. A iconografia pode fazer parecer uma convivência pacífica, mas dentro dela se abriga a luta, o conflito. O problema a ser abordado então é refletir sobre esse caso específico, que exemplifica uma construção de corpo negro a partir do olhar estrangeiro, e também como essa construção se relaciona com a produção fotográfica atual. Artistas com Lázaro Roberto dos Santos e Lita Cerqueira, citam Verger como influência direta de seus trabalhos (Revista *Zum* #20 e #22), reforçando que seu trabalho desenvolve uma tradição de representação do corpo.

Com uma obra tão relevante e lugar tão complexo na cena artística nacional, é preciso além de olhar para as obras em si percebê-las como parte de um linha de pensamento científico e etnográfico do tempo em que foram produzidos (KOSSOY, Boris, 1998), mas que também dialogam com os debates étnicos raciais de construção de identidades, de descolonização de pensamento e de representatividade negra, que demandam uma análise tanto iconográfica quanto social dessas imagens.



Figura 2. Santeiros, Salvador, Brasil, 1946-1950. Fonte:

<https://www.pierreverger.org/br/acervo-foto/portfolios/retratos-da-bahia.html>

## **METODOLOGIA:**

### **IMAGENS E TABELAS:**

A pesquisa foi realizada partindo de duas fontes de investigação: leitura do material teórico e análise das fotografias que constituem o acervo de obras. O primeiro se desenvolverá com a pesquisa em bibliotecas tanto dentro da universidade quanto fora, que apresentam grande número de exemplares relacionados à fotografia e teoria das artes, como a biblioteca do Instituto Moreira Salles, do museu de arte de São Paulo (MASP), do museu de arte contemporânea (MAC USP), biblioteca do Instituto de Artes (IA) e no setor de história da arte do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), da UNICAMP, assim como em repositórios e revistas online.

A bibliografia inicialmente ocorreu tanto de textos de Pierre Verger, quanto de outros autores contemporâneos ou do passado que se dedicaram a sua obra. Relatos escritos de artistas que

conheceram o autor ou que veem nele inspiração para sua própria poética. Pesquisadores contemporâneos de Verger que produzem trabalhos cujo a temática se relaciona de alguma forma com as dele, como Roger Bastide. Também estudiosos que analisam a iconografia do corpo negro de forma geral sem se debruçar especificamente em Verger, como Diane Sousa, Carlos Eugênio Marcondes, Boris Kossoy.

O Segundo momento, voltado para a observação e estudo das fotografias a luz da literatura estudada, encontradas principalmente do acervo fotográfico, conservado e disponibilizado pela Fundação Pierre Fatumbi Verger (Salvador, BA), que possui mais de 6.000 fotos catalogadas e digitalizadas. Além da pesquisa no acervo digital, realizei pesquisa com os objetos originais, durante os seis meses que trabalhei como voluntario no Museu Afro Brasil Emanuel Araujo, o qual tem no acervo três fotografias de Pierre Verger. Assim como o tempo que passei trabalhando no Laboratório de Fotografia do Instituto de Artes possibilitou uma investigação profunda na materialidade e nos processos da fotografia analógica.

Além da leitura de múltiplos artigos e livros, também frequentei alguns cursos para agregar as opiniões de outros pesquisadores sobre o assunto ou temas complementares. Um deles foi o curso “criando sobre ruínas” na Pinacoteca do estado de São Paulo. Também, mediante auxílio financeiro do Banco Santander e da Pro- reitoria de Extensão da Unicamp, tive a oportunidade de fazer o curso “Art Hystory, traviling artists and art work” na Freie Universitat Berlin curso por um mês. Experiencia essa que possibilitou perceber a estética da viagem a partir de uma perspectiva de outras nacionalidades.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO:**

A pesquisa mostrou, a partir da leitura dos principais teóricos do ramo da iconografia, como ao invés de tratar da imagem do corpo negro na fotografia brasileira de forma a montar uma genealogia de influencias, o que atribui a necessidade de traçar uma subseqüente relação de causa e efeito, que deve ser baseada no conhecimento prévio de uma imagem pelo artista da outra. Ver no objeto imagem o seu grau de proximidade e distância entre os fenômenos. A abordagem toma assim em uma dimensão não extensiva mais sim intensiva. (Ginzburg,1979).

Isso não excluem a mutua influencia, mas torna a assimilação possível quando esta não diretamente declarada. Assim possibilitando a encaixar as obras de Verger junto com aquelas que vieram ante e depois em uma constelação de sintomas voltando assim definitivamente para sua razão ontológica.

Delimitada as bordas da investigação iconográfica a pesquisa agora se volta em relacionar com os paradigmas da representação do corpo negro nas obras de Verger. As imagens enquanto objeto ultimo de pesquisa, escapam como significantes de uma forma binaria de representação (HALL, 2016). Elas escapam das tradições da fotografia antropométrica e representam uma nova fotografia pitoresca, influencia muito mais pelo aspecto antropologia. Ela então desassocia o cunho negativo a pessoa preta em oposição ao bom branco. Contudo na nova perspectiva de representação do outro, ainda não se

desvencilha de uma exotização, característica da percepção pelo imaginário europeu do trópicos no qual viaja e interpreta.

Assim sendo se torna um trabalho mais minucioso a investigação necessária de caso a caso para perceber, o que nesse objetos que tem uma dimensão cultura e transnacional acoplada, o que é ao mesmo tempo, perpetuação de estereótipos em relação a raça, e aquilo que é registro cultural, social e imaterial que configuram um povo. As fotografias de Verger, assim assumem esse lugar ambíguo da interculturalidade, cujo o trabalho não é o de julgo das formas, mas perceber, como ajudam a fundar outras novas formas de representação procuram emancipar-se do logica auterna colonial.

## BIBLIOGRAFIA

- SEALY, Mark; EVANS, Steven; FIELDS, Max (organização). **African cosmologies: photography, time, and the other**. Ensaio de Christine Eyene. Houston: Fotofest, 2020. 296 p., il.; fot., 24 cm. ISBN 9789053309322.
- CERQUEIRA, Lita. **A fotografia como eu sou**. Curadoria de Diógenes Moura. Texto de Gilberto Gil, Marcelo Araujo. São Paulo, SP: Pinacoteca do Estado, 2009. 1 vol. não paginado, il.; fot., 23 x 28 cm. ISBN 9788599117224.
- ERMAKOFF, George; ERMAKOFF, George. **O negro na fotografia brasileira do século XIX**. Rio de Janeiro: G. Ermakoff, 2004. 301 p., il., p&b. Inclui bibliografia (p. 266-268) e índice onomástico (p. 269-271). ISBN 8598815012.
- WILLIS, Deborah. **Reflections in Black: a history of Black photographers, 1840 to the present**. New York, NY: W.W. Norton, c2000. xviii, 348 p., il. ISBN 0393322807 (broch.).
- FERNANDES JUNIOR, Rubens. **Labirinto e identidades: panorama da fotografia no Brasil [1946-98]**. São Paulo, SP: CosacNaify, 2003. 229 p., il. ISBN 8575032054 (enc.).
- GINZBURG, Carlo. **Medo, reverência, terror: Quatro ensaios de iconografia política**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- ALLOA, E. **Virada icônica: um apelo por três voltas no parafuso**. Tradução de Aline Rena. MODOS Revista de História da Arte. Campinas, v. 3, n. 1, p.91–113, jan.2019
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019. 244 p
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EdUFBA, 2008 [1967].
- SONTAG, Susan. **On photography**. New York: Penguin, 1977.
- PANOFSKY, Erwin. **Studies in iconology. humanistic themes in the art of the Renaissance**. New York: Oxford University Press, 1939.
- GINZBURG, Carlo. Clues. **Roots of an evidential paradigm. Theory and Society**, 7:3, 1979, p. 273-288.
- HALL, S. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: PUC-Rio - Apicuri, 2016.
- HOOKS, B. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019